

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

Cristina Mascarenhas da Silva

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* do autor moçambicano Mia Couto foi escrito em 2002. O autor lutou na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) durante a colonização portuguesa. Tem como influências literárias escritores brasileiros como Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto. Além do escritor Angolano José Luandino Vieira.

Dessas influências, é importante destacar a de Guimarães Rosa que transforma o universo particular dos sertões em temas de alcance universal. Para compreender este mesmo processo na obra de Mia Couto, resenharei o referido romance: *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, em comparação com o texto de Rosa *A terceira margem do rio*.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra conta a história de um jovem, Marianinho, estudante universitário, que saí da capital para a ilha (Luar-do-Chão) para o velório de seu avô, Mariano. No barco conhece uma mulher, Miserinha, cega, enxerga apenas as cores e aparente enxergar além do que se pode ver. Ao longo do romance o jovem recebe cartas do falecido avô, a casa da família é envolta de traços mágicos e ao final quando definitivamente se enterra seu avô (que se revela pai de Marianinho), num rio o mesmo torna-se árvore.

O objetivo além da equiparação de textos é construir uma interpretação para estes fenômenos, buscando a compreensão para o jogo da construção do texto, que representa uma construção de uma literatura moçambicana à luz da literatura brasileira de Guimarães Rosa. Além da busca de uma interpretação que dialogue com o contexto de Mia Couto.

Marianinho havia saído de Luar-do-Chão ainda moço, o seu retorno é cheio de embaraços, uma vez que ele não se sente próprio daquele lugar. Além disso, acredita-se que seu avô não morreu de fato e misteriosamente Marianinho passa a receber cartas do falecido, com a grafia do próprio destinatário.

As cartas indicam os procedimentos que Marianinho deve realizar durante o funeral do avô, bem como conselhos familiares, como ver-se-à neste trecho:

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. (COUTO, p. 67, 2003).

O primeiro ponto a se observar neste trecho é a relação patriarcal que se estabelece tal qual ocorre na “Terceira Margem do Rio”, em que um filho narra a história de seu pai que construiu um barco e foi viver em meio a um rio. Ele conta desde travessuras dele enquanto criança, quando levava comida às escondidas para o pai, desde a vontade de substituir seu pai no seu feito.

Contudo, Marianinho era neto de Dito Mariano, no caso quem deveria receber ordens do defunto seria Fulano Malta, seu pai. Nesse caso há uma inversão da lógica. Contudo, há de se atentar para o fato de que Couto (2003) pulou uma geração. Hipoteticamente poderia se pensar nas lutas pela emancipação de Moçambique, das quais Couto fez parte. A morte do ancião e o salto de geração podem implicar num desejo de novos rumos para o país.

Outro ponto de semelhança é a presença do sobrenatural no conto de Guimarães Rosa e no romance de Mia Couto. Na terceira margem do rio, a presença do elemento mágico no enredo aparece no final, quando decidido tomar o lugar do pai na canoa, o filho o procura:

Pai, o senhor já está velho, já fez seu tanto... Agora, o senhor vem , não carece mais... [...] Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou o remo n'água, proava pra cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia ... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além.¹

De acordo com Couto (2007 *apud* Rita Chaves, 2008, p. 140), Mia Couto vê o lugar fantástico em Guimarães Rosa, no romance “O Grande Sertão Veredas” como “uma espécie de lugar de todos os lugares, completando assim:

O sertão e as veredas de que ele fala não são da ordem da geografia. O sertão é um mundo construído na linguagem[...] Rosa não escreve sobre o sertão. Ele escreve como se fosse ele o sertão.

¹ Disponível em: www.releituras.com/guimarosa_margem.asp.

Observa-se que Couto vê o sertão como algo imaginário, e define o lugar fantástico como lugar possível em todo mundo, reproduzindo isto em sua literatura, tal como faz no texto em questão. Em sua fala, ele descreve o processo usado por Rosa como invenção do Brasil. Nesse sentido, é o que faz Couto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”.

Desse modo, Couto (2003) constrói seu enredo de forma mágica, empregando elementos sobrenaturais. O episódio da carta aqui referido é um deles, no entanto, existem vários. A casa, *Nyumba-Kaya*, por exemplo é regada, ela se ajusta aos moradores. É retratada como um corpo: “A casa é um corpo — o tecto é o que separa a cabeça dos altaneiros céus.” (COUTO, 2003, p. 29). Em outros momentos, há quartos que não tem porta, nem chão. No final do romance o telhado que estava aberto é refeito:

Lá fora, a noite está perdendo espessura. Salto o muro da casa, olho para trás e, não cabendo meu espanto, o que vejo? O telhado da sala refeito. A casa já não se defendia do luto. *Nyumba-Kaya* estava curada da morte. (COUTO, 2003, p.239).

O que o autor pretende com este traçado é inventar uma Moçambique, tal qual fez Guimarães Rosa a inventar um Brasil. E esta invenção prossegue no uso da oralidade em sua obra.

O uso da oralidade se trata de outro traço comum entre “A terceira margem do rio” e o romance de Couto. Contudo, Couto além de usar neologismos *Nyumba-Kaya*, por exemplo, pois são duas palavras que significam “casa” num dialeto africano, a primeira usada no norte e a segunda usada no sul.

Há um uso da oralidade, de acordo com Otinta (2008), quando Dito Mariano fala para o neto, que ele dá a voz e o neto a escritura. Nesse momento, pode-se observar uma junção entre cultura oral e cultura letrada.

E Otinta (2008) pontua que existem marcas da oralidade na criação da linguagem literária, assim, ele cita algumas palavras presentes no romance:

homenzarrou, depressou-se, fantasiástica, carinhenta, esteirados, rebulir, tropousar, manifestivo, estremexendo, nuventanias, febrilhante, deslebrara, sozinhidão, pertubabado, gesticlada, irmãodade [...]. (OTINTA, 2008, p.117).

O que Couto afirma ter encontrado em Rosa é a base para contar a história de Moçambique a partir da poesia, não como gênero, mas como característica da narrativa, como pontua Chaves (2008). As narrativas de Rosa se assemelham às prosas dos contadores de história algo que instiga Couto (2007, *apud* Chaves, 2008):

E foi poesia que me deu o prosador Guimarães Rosa. Quando o li pela primeira vez experimentei uma sensação que já tinha sentido quando escutava os contadores de história da infância. Perante o texto eu não simplesmente lia: eu ouvia vozes da infância. Os livros de Rosa me atiravam para fora da escrita como se, de repente, eu me tivesse convertido num analfabeto selectivo.

Eis aí que está a chave para a explicação do uso da oralidade em seus textos. No caso do livro resenhado, as histórias contadas pelo povo como caso do burro que vivia na igreja, que representava os mortos de um desastre, do qual somente o animal se salvara, nunca fora retirado daquele lugar por esse fato, representava as vidas ali perdida.

Além disso, a valorização da oralidade é notável quando Couto (2003) usa frases das personagens em seus epílogos, exemplo: “O mundo já não era um lugar de viver. Agora, já nem de morrer é. Avô Mariano” (COUTO, 2003, p.23). E ao passo que o autor se vale dos ditos das personagens, no início ele utiliza um verso de Breyner. Sugere-se, portanto, que o dizer popular é tão valioso quanto a cultura letrada.

Desse modo, Couto (2003) não nega a cultura letrada tampouco a cultura oral, até mesmo porque ele se vale da escrita para contar a história de Moçambique.

Além desses traços, o autor utiliza de simbologias para desenvolver a história. Um dos símbolos é a *Nyumba-Kaya*, que é a junção das palavras “casa” no norte e no sul da ilha, significando um desejo de integração das regiões do país, lembrando que Moçambique passou por uma guerra civil que durou 16 anos.

De fato, há uma divisão geográfica real entre a ilha e cidade, entretanto, como Couto visa inventar, sugere-se que há um confronto entre a ilha com sua cultura oral, causos como o do burro e a cultura letrada representada por Marianinho, vindo da cidade. Além de poder representar a divisão do país.

O rio, por vez, é um meio de ligação entre a ilha e a cidade, podendo figurar a ideia de iniciação. A água é um elemento de regenerescência, de acordo com

Chevalier e Gheerbrant (1998), isto é, transformação. Marianinho retorna a ilha, passando pelo rio, este retorno indica uma iniciação e uma transformação da personagem que havia esquecido de como se vivia em Luar-do-Chão.

Por fim, há o símbolo árvore, que significa continuidade, ligando a vida e a morte. A água enterra Dito Mariano que se transforma em uma árvore, destacado por Miranda (s/d *apud* CHEVELIER e GHEERBRANT, 1990) como elemento cíclico, pois perdem as folhas e as ganham todos os anos.

Assim, conclui-se que a árvore trará continuidade aos ensinamentos de Mariano, que buscava a união entre a família, sugerindo uma significação de integração do país.

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1998.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OTINTA, Jorge do Nascimento Nonato. **Mia Couto: Memória e Identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo-SP, USP, Curso Letras, 2008. Dissertação de Mestrado, 142 páginas.

BIBLIOGRAFIA ON-LINE

CHAVES, Rita. **Guimarães Rosa: do sertão às savanas**. In: www.fatea.br/angulo. Acessado em 28 de outubro de 2010, às 23h30min.

MIRANDA, Maria Geralda de. **O embondeiro e a mulembra: árvores e literatura**. In: http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/download/artigo_1_4.pdf. Acessado em 29 de outubro de 2010, às 06h11min.

Cristina Mascarenhas da Silva é formada em Letras, habilitação em língua portuguesa e literatura, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). O texto que se apresenta numa aula de Tópicos de Literatura Africana. Além do interesse de estudo acadêmico, a autora é admiradora da prosa do autor moçambicano Mia Couto.